

Erotismo e consciência social na poesia e na pintura caboverdianas de Dina Salústio e José Maria Barreto

Giselly Pereira de Carvalho Soares Pereira

Graduanda do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ

E-mail: giselly_pereira@yahoo.com.br

Lucimar Francisco Ribeiro

Graduanda do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ

E-mail: lucimarfrancisco@yahoo.com.br

RESUMO: Ao interpretar a significação das questões sociais, a representação na poesia e pintura caboverdianas abordar as marcas presentes nas obras dos dois autores que utilizam estas duas formas da arte para expressar a visão do povo que vivencia em Cabo Verde sua condição de sobrevivência. Discutimos a questão feminina a partir do estudo do erotismo e também pela denúncia dos dramas vividos por mulheres ce rcadas pela fome e miséria. O diálogo entre os poemas de Dina Salústio e telas de José Maria Barreto, avalia a presença da cultura caboverdiana onde é apresentado a denuncia do sofrimento da seca, fome que são fatos marcantes nos ilhéus de Cabo Verde. Através da interpretação deste diálogo, abordar as questões sociais, a ambigüidade identitária e a história de Cabo Verde, discutindo, principalmente, os dramas da fome e das mulheres do Arquipélago. Ao abordar as questões históricas e sociais de Cabo Verde, que delimita a problemática vivenciada pelos habitantes, percebe -se que a criação e a produção de obras voltadas para a cultura, está envolvida ao contexto histórico e desta forma compreender a expressão dos autores apresentados terá a maior importância. As estruturas históricas que delimitam a condição social devem -se pelo processo de colonização, onde a partir de segunda metade do século XIX, e por movimentos de libertação, apresenta as expressões pautadas pelos modelos de descolonização, de

forma engajada acusando as injustiças sociais e o desencanto em relação aos sonhos de libertação. Uma estrutura que contribui para transmitir o sentimento de Cabo Verde quanto à questão social.

PALAVRAS-CHAVE: Cabo Verde; pinturas; poesia.

ABSTRACT: When it is compared the meaning of social issues, the representation in the poetry and Caboverdian paintings in which it is dealt with the marks presented in the works of two authors. They used these two kinds of art in order to express the people's view of their own survival conditions in Cabo Verde. We discuss the female matter through the study of erotism as well as through the complaint of dramas lived by those women surrounded by hunger and poverty. The dialog between the Dina Salústio poems and José Maria Barreto paintings reveals the presence of Caboverdian culture in which it is shown the complaint of suffering in drought and hunger which are remarkable facts at Ilhéus, Cabo Verde. The interpretation of this dialog, dealing with social issues, the identity ambiguity and the history of Cabo Verde, we discuss, mainly, the drama lived by these women in starving conditions at the archipelago. When it is dealt with such historical and social issues, which set out all the problems lived by population, we notice that creation and production of works in poetry and paintings are related to culture as well as historical context. Through all these, we can comprehend the expressions of these authors. This will be of great importance for us. Historical structures, which set out the social condition, are due to colonization in the mid XIX century. From this period on as well as through liberation movements, the historical structure reveals expressions related to decolonization models, social injustice and the lack of hope regarding dreams of liberation. This structure contributes to transmitting the sentiment of Cabo Verde regarding its social condition.

KEY-WORDS: Cabo Verde, paintings, poetry.

INTRODUÇÃO

O diálogo entre os poemas de Dina Salústio e telas de José Maria Barreto, avalia a presença da cultura caboverdiana onde é apresentado a denuncia do sofrimento da seca, fome que são fatos marcantes nos ilhéus de Cabo Verde.

Através da interpretação deste diálogo, a bordar as questões sociais, a ambigüidade identitária e a história de Cabo Verde, discutindo, principalmente, os dramas da fome e das mulheres do Arquipélago.

Ao abordar as questões históricas e sociais de Cabo Verde, que delimita a problemática vivenciada pelos habitantes, percebe-se que a criação e a produção de obras voltadas para a cultura, está envolvida ao contexto histórico e desta forma compreender a expressão dos autores apresentados, terão a maior importância.

As estruturas históricas que delimitam a condição social devem-se pelo processo de colonização, onde a partir de segunda metade do século XIX, e por movimentos de libertação, apresenta as expressões pautadas pelos modelos de descolonização, de forma engajada acusando as injustiças sociais e o desencanto em relação aos sonhos de libertação. Uma estrutura que contribui para transmitir o sentimento de Cabo Verde quanto à questão social.

Cabo Verde e sua história

O arquipélago constitui-se de dez ilhas, suas principais ilhas denominam-se Santiago e São Vicente e possuem como capitais, respectivamente, Praia e Mindelo, sendo a primeira também a capital de Cabo Verde. As ilhas estão divididas em dois grupos, o primeiro Barlavento, ao Norte, que compreende as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia e os ilhéus Branco e Razo, São Nicolau, Sal e Boa Vista e o grupo Sotavento, ao Sul, com as ilhas de Brava e ilhéu de Rumbo, Fogo, Santiago (São Tiago), onde se encontram a cidade de Praia, Maio, Ilhéus Grande, Luís Carneiro e Sapado.

Temos na República Independente de Cabo Verde, ilhas em sua maioria de origem vulcânica, o que contribui para um solo árido, que está associado a escassez de

chuvas e as condições climáticas do Arquipélago. Os ilhéus são quase todos desabitados e sofrem com as secas e com os ventos fortes que provocam o flagelo e a fome.

A exploração do solo cabo-verdiano acarretou a degradação e o empobrecimento, o que faz da miséria um fator que leva os habitantes a se retirarem e deslocarem -se para outras ilhas ou para outros países em busca de melhores condições de vida, desta forma o dilema de “querer ficar e ter de partir” se evidencia.

A economia é essencialmente agropecuária com exceção da ilha de São Vicente por causa do porto marítimo, e da ilha do Sal, em razão das salinas e do turismo, e com a agricultura cultiva-se o milho. A exploração por parte de Portugal com relação a terra, empobreceu ainda mais agravando o problema da seca e do isolamento.

Em relação a situação política de Cabo Verde, em que estas ilhas viveram um período de submissão colonial de 1462 à 1975. Temos a sua descoberta, em 1460, onde a região era desabitada, e somente mais tarde foi habitada por negros de diferentes etnias oriundos da Guiné-Bissau e do Senegal vindos das Ilhas da Madeira e dos Açores, constituindo um povo mestiço, apresentando uma heterogeneidade cultural através das várias ilhas.

O domínio realizado por Portugal, que na realidade era a metrópole, impossibilitava a administração da colônia em sua região, o que fez com que o crescente aumento da repressão e do trabalho forçado provocasse o aparecimento da figura do “contratado”, um trabalhador que recebia baixos salários. Portugal fez de Cabo Verde um entreposto comercial para seus navios que se dirigiam às Índias e à América.

Quanto a miscigenação, obteve-se como consequência do aspecto lingüístico um falar que representava um meio mais rápido de comunicação que foi o pidgin cabo-verdiano, que seqüencialmente se transformou no crioulo de base portuguesa em Cabo Verde. Nesta questão apresentou-se o contexto do bilingüismo, pois a língua imposta foi o do colonizador, o português, mas nas ilhas era realizado o falar crioulo.

Com o fim do tráfico negreiro, Portugal iniciou um período de colonização do Arquipélago, a partir de 1850, criando a imprensa, fundando liceus e impondo a língua portuguesa como idioma oficial que era usada nas escolas e em repartições públicas. Mas o crioulo já estava sendo falado e continuou, no dia a dia do povo, nas ruas existindo paralelamente à língua portuguesa, contribuindo para o bilingüismo que

conseqüentemente refletiu na literatura, em composições que incorporaram as expressões em crioulo, apresentando desta forma a necessidade da busca de uma identidade, uma forma de resistência ao idioma do colonizador.

A miséria e a fome em Cabo Verde nos tempos coloniais foi um fator positivo aos olhos do colonizador, pois os caboverdianos se retiravam da região para fugir da fome, ou iam para Mindelo, se tornando escravos, ou partiam para as roças de São Tomé e Príncipe como contratados, enriquecendo as elites de Cabo Verde e de São Tomé.

O povo caboverdiano apresenta-se dividido, pois ainda oscila entre a origem africana e a europeia desta forma apresentam sentimentos que a herança desta divisão assumiu, pois os habitantes vivem em uma fronteira que os distanciam do mundo e que os fazem recorrer à emigração e às aventuras oceânicas por longínquas terras.

Cabo Verde e suas mulheres

A partir do diálogo entre um poema de Dina Salústio e duas telas de José Maria Barreto, será observada a denúncia de sofrimentos causados pela seca e pela fome, no Arquipélago. A análise buscará interpretar, entre outras questões, o erotismo feminino, observando qual o papel deste frente aos dramas vivenciados pelas mulheres dessas Ilhas.

Esse lirismo feminino contesta o fato de as mulheres estarem em constante submissão e reivindica o direito de elas possuírem voz, desejos, ambições. Com uma poesia confessional e autobiográfica, a mulher-poeta passa a demonstrar que tem vida e desabafa criticamente seus sofrimentos.

Após a independência de Cabo Verde, surge uma nova geração poética, conhecida como geração mirabílica, a que pertence Dina Salústio. Entre as produções dessa geração, revela-se uma poética feminina em que as mulheres denunciam sua solidão, sempre presas ao cais, esperando por seus maridos, filhos, noivos. Esta geração representa resistência poética e renovação estética, uma vez que as poetisas operam com a liberdade de expressão. Assim, a mulher-poeta cresce ao buscar sua identidade, pois procura estar consciente de sua linguagem, dominando as palavras, a sua história, o seu corpo, os seus sonhos.

A mulher cabo-verdiana, embora oprimida, sempre possuiu importância em Cabo Verde, pois sua intervenção social se confirmou, através dos séculos, pelo fato de ter a responsabilidade de manter os filhos e as tradições, já que seus maridos emigravam constantemente e as deixavam sós nessa tarefa. Desta forma, o papel feminino contribuiu para a formação da identidade do povo cabo-verdiano; a mulher, recorrentemente, esteve presente no cotidiano e, por isso, foi a grande transmissora de aprendizados e referências culturais das Ilhas aos filhos.

Dina Salústio teve destaque na geração de poetas que representam a *Mirabilis*, teve participação ativa na fundação, com outras mulheres, de uma poética feminina.

Em seu poema “Apanhar é ruim demais”, de 1985, revela a condição sofrida das mulheres e do povo cabo-verdiano, que nasce rodeado pelo mar e por muitas mazelas.

O título do poema é polissêmico, tendo em vista que a palavra “apanhar” tem os seguintes sentidos: pescar o peixe, alimento fundamental para a sobrevivência da mulher e filhos; apanhar do destino, ou seja, sofrer por ser abandonada pelo marido; apanhar fisicamente, ser surrada sadicamente pelo companheiro que trata a mulher como mero objeto de sua satisfação sexual.

O poema, através da imagem do mar, apresenta uma forte marca do imaginário cabo-verdiano. Na primeira estrofe, “o cheirar a maresia” desvela a existência marítima e tudo o que o oceano pode oferecer, como o sustento e também o abandono, pois é o mar que leva os homens e deixa as mulheres com “os seus cabelos sem dono ao amanhecer”.

É a partir da quinta estrofe que a relação amorosa se explicita: “eram humanos apenas humanos amantes” que buscavam seus desejos em meio a soluços e sofrimentos.

Da sétima estrofe em diante, a relação sexual é claramente expressa: “éramos eu e tu dentro de mim”. A par da procura do amor, observa-se um grande receio na mulher que se traduz nos seguintes sintagmas: “o medo do mundo em câmara lenta nos meus olhos”, “o suor que inunda”, “as unhas que se revoltam”. Essa revolta traz para a amada, em contrações cada vez mais rápidas na relação com seu amante, a urgência da sua libertação e a de seus desejos; traz também, metaforicamente, a necessidade de liberdade para o povo de Cabo Verde.

A mulher retratada no poema vive um dilema: sente a dor do parto, o abandono do marido, mas fica com os filhos, com a vida, com a transmissão das tradições. A partir desse impasse, surgem-lhe fantasmas, dúvidas, medos. O seu futuro é incerto, pois sabe que o sofrer será constante e deverá lutar pela própria sobrevivência e a dos filhos.

Na décima terceira estrofe, cresce a revolta da mulher, uma vez que, apesar de gritar junto com seu amante, sabe que ele irá para o além-mar e ela ficará para cuidar da família e da casa.

Na décima quarta estrofe, a consciência feminina de viver as mazelas é muito intensa e, por tal motivo, a mulher não mais sorri, não tem porque sorrir, apenas sobrevive. Na décima quinta estrofe, assiste-se ao nascimento de mais um filho do sol, para também vir a sentir no corpo a dor da fome e da seca.

Há, contudo, ao final do poema, o registro da resistência feminina, que se traduz na decisão da mulher em permanecer em seu lugar, com o seu povo, lutando por este e pelas tradições locais.

Com relação às duas telas de José Maria Barreto escolhidas para este trabalho, ambas apresentam mulheres em duas situações de sofrimento, recorrentes no universo cabo-verdiano. A primeira tela mostra uma mulher desolada por ter apenas peixes para alimentar seus sete filhos. Tal imagem dialoga com o poema de Dina Salústio, no qual a personagem feminina tenta sobreviver, apesar da fome e da morte que rodeiam sua vida e sua família. Sem saber o que fazer, a mulher na tela olha para o alimento e põe a mão à cabeça em busca de uma solução.

A segunda tela focaliza uma mulher grávida com um olhar bastante distante. Esta mulher não sorri, está encostada à parede como se esta fosse seu único sustento. Ao seu lado, a figura do Minotauro metaforiza o labirinto de sua própria vida, a falta de perspectivas tanto para ela, quanto para o filho que carrega no ventre. Esta figura feminina lembra a mulher que não mais sorri, no poema de Dina Salústio.

Ao final deste trabalho, constata-se que tanto a poesia, como a pintura em Cabo Verde tem, recorrentemente, forte comprometimento com a denúncia social, apontando para sérios problemas vivenciados pelo povo do Arquipélago. O erotismo feminino representa a resistência da mulher, que, a par dos sofrimentos, da fome e das mortes constantes, ainda encontra dentro dela forças para gerar novas vidas.

Poema de Dina Salústio

Apanhar é ruim demais

*Eram deuses contava-se
e diabos e loucos e tinham um altar cheiravam a maresia a madeira verde
e desfiavam sonhos e liam sinas
nos cabelos sem dono ao amanhecer*

*Eram deuses e diabos contava-se
e perturbavam com seu canto
e ameaçavam o som aceite*

*Juntaram-se cordas e leis e facas
e afiaram-se línguas e palavras
Armaram-se cercos e armadilhas par os apanhar
Resolveram-se templos e bares
Praias e castelos*

*Os cães não ladraram
os anjos adormeceram
a lua se escondeu.*

*Os corpos fecharam-se e a ameaça cumpriu-se
Nem deuses loucos ou demônios
Humanos apenas. Humanos amantes.*

*Uma mosca vomitou de náusea
o céu soluçou estrelas
as vagas cuspiram raiva
o vento envergonhado desfez-se em pó.
a noite caiu e fez meu choro em pedaços.*

*Éramos eu e tu
dentro de mim*

Centenas de fantasmas compunham o espetáculo

E o medo

Todo o medo do mundo em câmara lenta nos meus olhos.

Mãos agarradas

Pulsos acariciados

um afago nas faces.

Éramos tu e eu

dentro de ti

Suores inundavam os olhos

Alagavam lençóis

corriam para o mar.

As unhas revoltam-se e ferem a carne que as abriga.

Éramos tu e eu

dentro de nós.

As contrações cada vez mais rápidas

o descontrolo

a emoção

a ciência atenta

o oxigênio

a mão amiga.

De repente a grande urgência

a Hora

a Violência

Éramos nós libertando-nos de nós.

É a nossa dor.

São nossos o sangue e as águas

O grito é nosso

A vida é tua o filho é meu.

Os lábios esquecem o riso

*os olhos a luz
o corpo a dor*

*A exaustão total
o correr do pano
o fim do parto*

*Toco os teus campos de neve
e entrego-me aos fantasmas da minha infância*

*Religiosamente bebo a gota esquecida na palma
da minha mão.*

*Brisas sutis deixam em arcos tensos
as pétalas que me enfeitam*

*E estupidamente me trazem ruas empedradas
veias do meu mundo
onde a bússola e o desejo se confundem
confundindo o destino de nós.*

*Na ternura das vozes que me envolvem
há um convite ao poema que não consigo.*

*E as tuas montanhas sacodem
lembranças de outras cavernas
gemendo à noitinha estórias
de aves fugindo e picaretas cantando,
murmúrios de piratinhas,
sussurros de prazeres dolorosamente cambiados em mercado negro.*

*Pouco a pouco lês no meu olhar ausente
a existência de outra ilha
E sentes a minha fé
e o braço se afrouxa
perante o adeus que adivinhas*

no silêncio do meu corpo.

SF, 1985

(*apud: Mirabilis de veias ao sol, p.157-159*)

Telas de José Maria Barreto



REFERÊNCIAS:

Títulos Formadores do *Corpus*:

1. BARBOSA, Jorge. *Obra poética*. Prefácio de Elsa Rodrigues dos Santos. Lisboa: Imprensa Nacional, 2002.
2. FERREIRA, Manuel. *No reino de Caliban*. 3. ed. Porto: Ed. Plátano, 1977. v. I.
3. _____. 50 poetas africanos. Porto: Plátano, 1989.
4. _____. *O discurso no percurso I*. Lisboa: Plátano, 1989.

5. SECCO, Carmen Lucia Tindó (Organização e coordenação). *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, 1999. v. II: Cabo Verde. (Cadernos de Letras Africanas; 2)
6. *MIRABILIS de veias ao sol: antologia dos novíssimos poetas caboverdianos*. Seleção e apresentação de José Luís Hopffer Almada. Lisboa: Ed. Caminho e Instituto Caboverdiano do Livro, 1991.

Títulos da Bibliografia teórica:

1. ABDALA Jr., Benjamin. *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática, 1989.
2. ABENSOUR, Miguel et alii. *Tempo e história*. (Org. Adauto Novaes). SP: Cia das Letras, 1992.
3. BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Moraes, 19 --.
4. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
5. BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999.
6. BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. SP: Cultrix, 1983.
7. BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
8. CAILLOIS, Roger e VON GRUNEBAUM, G.E. *O sonho e as sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1978.
9. CHARTIER, ROGER. *A história cultural entre prática e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
10. CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
11. CORREA, Roberto. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio: Ed. UERJ, 2000.
12. FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Venda Nova, Amadora: Livraria Bertrand, 1977.

13. _____. *A aventura crioula ou Cabo Verde: uma síntese cultural e étnica*. Lisboa: Plátano, 1973.
14. _____. *O discurso no percurso I.* Lisboa: Plátano, 1989.
15. GOMES, Simone Caputo. *Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1993.
16. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
17. HAMILTON, Russell. *Literatura africana, literatura necessária*. Lisboa: Ed.70, 1984. vol. II.
18. KI-ZERBÔ, Joseph. *História da África negra*. Lisboa: Europa - América, 1978. 2 vol.
19. LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
20. LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
21. LIMA, Norma Sueli Rosa. *Revisitando Claridade: o encantamento da poesia caboverdiana com o Modernismo brasileiro*. Niterói: UFF, 2000. Orientador: Simone Caputo Gomes.
22. LOPES FILHO, João. *Cabo Verde: retalhos do quotidiano*. Lisboa: Caminho, 1995.
23. MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2001.
24. MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre Literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
25. MARIANO, Gabriel. *Cultura caboverdeana: ensaios*. Lisboa: Vega, 1991.
26. SANTOS, Sonia Maria. A mulher caboverdiana e “a oportunidade do grito”. In: *Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. pp. 237-250.
27. SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. SP: Cia das Letras, 1996.

28. SECCO, Carmen Lucia Tindó (org.) *et alii. Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: Cabo Verde*. Rio de Janeiro: Ed. da Faculdade de Letras da UFRJ, 1997. v.II.
29. SEMEDO, Manuel Brito. *Caboverdianamente Ensaizando*. São Vicente: Ilhéu Editora, 1955.
30. SILVEIRA, Helena. *Paisagem e memória*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.
31. SOURIAU, Etienne. *A correspondência das artes*. SP: Cultrix; EDUSP, 1983.
32. VEIGA, Manuel. *A sementeira*. Lisboa: ALAC, 1994.
33. _____. *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*. Paris: Karthala, 1998.